

SABERES TECIDOS NA PALHA DA CARNAÚBA

Mariana Campos Nascimento ¹
Maria Alveni Barros Vieira ²

RESUMO

O presente trabalho é resultado de uma pesquisa de campo/bibliográfica, de caráter descritivo/qualitativo, cujo desenvolvimento esteve ancorado na metodologia histórias orais, adotando como técnica de coleta de dados a entrevista em profundidade. A proposta de investigação teve como objetivo central compreender os processos educativos que envolvem a aquisição e a transmissão dos saberes tradicionais relacionados a tessitura artesanal da palha de carnaúba na localidade Várzea Queimada município de Jaicós (PI), portanto no transcurso das análises dos dados obtidos procuramos relacionar os trabalhos artesanais com a palha da carnaúba como uma prática cultural de manutenção dos saberes tradicionais a luz das teorias de Chartier (1990) e da concepção de saberes tradicionais como trabalhada por Diegues (2000). Conforme os resultados, nos é possível inferir que a tessitura da palha da carnaúba na comunidade Várzea Queimada (PI) é uma prática cultural desenvolvida majoritariamente por mulheres e que o processo de aquisição e o processo de transmissão do saber tradicional em estudo, acontecem rotineiramente de maneira espontânea e simultânea a exemplo da forma comumente feita, ou seja, as anciãs do povoado aprenderam a trançar a palha observando suas mães e avós, que por sua vez aprenderam observando suas antepassadas indígenas.

Palavras-Chave: Tradições. Palha da carnaúba. Aquisição. Transmissão. Piauí.

INTRODUÇÃO

No Brasil, há um forte entendimento por parte das elites governantes e intelectuais que a verdadeira educação de crianças e jovens consiste naquela realizada no âmbito das instituições escolares. Na obra *O ensino de ofícios artesanais e manufactureiros no Brasil escravocrata*, Cunha (2005) já afirmava que os historiadores da educação sempre adotam como objeto de estudo a educação escolar reforçando, assim, a ideologia de uma escolarização única e homogeneizadora.

Nessa perspectiva, as atividades de ensino e aprendizagem que se realizam nas cooperativas de trabalhadores, nas fábricas e indústrias, nos sindicatos e nas oficinas de artesanatos onde ocorre a produção de produtos utilitários geralmente não é considerada educação em seu caráter formal. Por conseguinte, pouco é o material produzido refletindo sobre a educação no mundo dos ofícios e dos trabalhos. Essa realidade também se reflete no campo da Pedagogia, Díaz (2006) observa que é senso comum nos meios acadêmicos a associação do

¹ Graduanda pelo Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Piauí - UFPI, marianaxcampos@gmail.com;

² Professora Doutora da Universidade Federal do Piauí – UFPI, alvenibarros@bol.com.br;

pedagogo professor à prática docente em salas de aula e a associação da Pedagogia como curso de formação de professores para atuação em espaços escolares de ensino infantil e séries iniciais do ensino fundamental.

Todavia, nos últimos tempos, a perspectiva de atuação do pedagogo em espaços não escolares como determinada no artigo 5º das Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Pedagogia (BRASIL, 2005), vem promovendo uma maior aproximação da academia com a Pedagogia Social que prevê a ação desse profissional não somente no exercício da docência em espaços escolares, mas também em espaços onde os processos de socialização do indivíduo em suas interações com a comunidade necessitem de atendimento tanto em situações de adversidades, como em situações em que visem à manutenção da socialização, como no atendimento às necessidades educativas.

Diante do entendimento mais amplo da Pedagogia como uma ciência de caráter teórico-prática que estuda e promove reflexões acerca da socialização dos indivíduos em suas interações com a comunidade, possibilitando ao pedagogo desenvolver trabalhos fora do âmbito escolar, sem perder o caráter educacional de sua prática, decidimos enveredar por caminhos raramente trilhados pelos pedagogos quando chegou o momento da escolha de um tema para desenvolvimento de pesquisa científica, qual seja: as práticas de ensino e aprendizagem no processo do trabalho artesanal.

A problemática que levantamos para fins de investigação consistiu em questionar por quais formas ocorrem o processo de aquisição e transmissão da prática de tessitura da palha de carnaúba na comunidade Várzea Queimada (PI)? Quem são as pessoas consideradas mestres na arte de tecer a palha da carnaúba? Em quais espaços desenvolvem suas atividades tradicionais? Quais os processos educativos ali desenvolvidos para formar novos artesãos de forma a garantir a existência dessa prática cultural tradicional?

Como desdobramentos das questões de investigação estabelecemos como objetivo principal compreender os processos educativos que envolvem a aquisição e a transmissão dos saberes tradicionais relacionados a tessitura artesanal da palha de carnaúba na localidade Várzea Queimada (PI). Especificamente, pretendíamos reconstituir a trajetória histórica das práticas culturais de tecer a palha de carnaúba relacionando-a com a organização social da comunidade Várzea Queimada (PI); Identificar os sujeitos detentores da arte em estudo, reconstituindo suas histórias de vida com ênfase no processo de aquisição do saber tradicional; Refletir sobre as formas de transmissão das técnicas de trabalho com a palha de carnaúba, ali desenvolvidas

considerando a possibilidade de inserção do trabalho do pedagogo nessa modalidade de educação não escolar.

Os dados aqui apresentados são resultantes de uma pesquisa descritiva, cuja abordagem qualitativa, desenvolvida a partir coleta de informações em fontes bibliográfica, e através entrevistas semiestruturadas. As análises fundamentaram-se nas proposições teóricas de Diegues (2000, p. 30) ao definir o conhecimento tradicional “[...] como o conjunto de saberes e saber-fazer a respeito do mundo natural, sobrenatural, transmitido oralmente de geração em geração”. Também na construção das análises buscamos relacionar o termo saberes tradicionais com o conceito de prática cultural delineado pelo historiador francês Chartier (1990, p.16). Com base nesse autor, relacionamos a ancestralidade e a história cultural dos conhecimentos tradicionais com o estilo de organização social da comunidade Várzea Queimada, intencionando trazer à público seu modo de vida e suas práticas ancestrais.

No percurso investigativo, ficou evidenciado que a tessitura com a palha da carnaúba destaca-se no elenco das diversas práticas culturais vivenciadas na comunidade Várzea Queimada (PI) e que as mulheres são reconhecidas como as principais mestras detentoras do saber-fazer artesanal, responsáveis por transmiti-lo às novas gerações. Ressalta-se, ainda, que o saber-fazer artesanal na comunidade em estudo foi aprendido através das gerações desde os tempos indígenas ocasionando uma sucessão de conhecimentos e técnicas com pequenas alterações no fabrico das peças.

METODOLOGIA

O presente estudo resulta de uma pesquisa aplicada, de caráter descrito qualitativo, desenvolvida a partir da revisão bibliográfica e entrevistas semiestruturadas. Área da investigação corresponde ao município de Jaicós, que se encontra situado no centro sul do Piauí, semiárido piauiense a uma distância de 364 km da capital do estado, Teresina. O município de Jaicós apresenta uma população estimada em 18.035 habitantes, e uma área territorial de 865,144 km² (IBGE 2010).

Especificamente, trabalhamos com o povoado conhecido como Várzea Queimada pertencente a municipalidade de Jaicós que se encontra localizado na zona rural a cerca de 25,6 km da cidade. O povoado conta com aproximadamente 900 habitantes oriundos de uma mistura de povos índios nativos, negros trazidos da África como escravos e imigrantes portugueses que chegaram com a colonização. A derivação desse nome, conforme histórias locais apontam, que

essa região antigamente era um lago, um lugar alagado que quando sua vegetação secou, acabou pegando fogo, daí começaram a chamar de Várzea Queimada.

O universo da pesquisa foi composto por 35 (trinta e cinco) artesãos sendo 30 (trinta) mulheres e 5 (cinco) homens que se encontram organizados no Centro Comunitário dos Artesãos de Várzea Queimada. Nesse universo, foram escolhidas algumas pessoas a partir dos seguintes critérios: ser adulto, natural do semiárido piauiense; Ser reconhecido pela comunidade em que habita como mestre de atividades tradicionais; Apresentar condições de saúde física e mental para participar da pesquisa. Dos 35 (trinta e cinco) artesãos associados ao Centro Comunitário, somente 2 (duas) artesãs apresentaram disponibilidade para as entrevistas, os demais foram excluídos por não aceitarem participar da pesquisa; por recusarem em assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE); por ausência no povoado e por motivos superiores não declarados. As entrevistas, que foram executados no dia 21 de outubro de 2018, conforme a disponibilidades dos artesãos.

A aplicação dos instrumentos específicos de pesquisa ocorreu através da realização de entrevistas semiestruturadas a partir de um roteiro dividido em 04 (quatro) etapas: caracterização sócio demográfica dos entrevistados, a infância e as sociabilidades infantis vivenciadas no semiárido piauiense, a aprendizagem da arte de tecer a palha da carnaúba e os procedimentos possíveis de transmissão da tessitura da palha da carnaúba. O roteiro das entrevistas contou com aproximadamente 50 (cinquenta) questões, possibilitando uma maior flexibilidade de abordagem do tema para fins de garantia na compreensão dos objetivos almejados. Assim organizamos em concordância com Severino (2010), para quem as questões bem diretas, obtém, do universo de sujeitos, respostas mais categorizáveis, sendo assim muito útil para o desenvolvimento de levantamentos sociais.

A análise dos dados percorreu 3 (três) etapas: pré-análise dos questionários, exploração do material obtido e tratamento dos resultados com inferências e interpretações à luz da literatura teórico-metodológica selecionada. Por esses procedimentos nos foi possível organizar os resultados da pesquisa em subdivisões distintas, mas que dialogam entre si como o histórico da fundação do Centro Comunitário das Artesãs de Várzea Queimada (PI), o Perfil sócio demográfico das entrevistadas, os processos de aprendizagem e transmissão do trançado da palha da carnaúba. Para a construção desse artigo científico fizemos a opção de apresentar os resultados obtidos com as entrevistas identificando as mulheres entrevistadas pelos pseudônimos de Barbosa 1 e Barbosa 2.

DESENVOLVIMENTO

O uso das terminologias “populações”, “povos” e “comunidades” tradicionais nas obras literárias que se propõem discutir a temática, parecem indicar o mesmo sentido para ambos os termos. Mesmo em documentos oficiais, a exemplo da Lei nº 9. 985/2000 do Sistema Nacional de Unidades de Conservação (populações) e do Decreto 6040/2007 (povos e comunidades), é possível constatar o uso corrente das três expressões no mesmo texto.

Embora no senso comum, compreenda-se por populações tradicionais, os aglomerados humanos vinculados aos indígenas e quilombolas, a Lei nº 9. 985/2000 do Sistema Nacional de Unidades de Conservação trata como comunidades tradicionais os habitantes das Reservas Extrativistas (Resex) e das Reservas de Desenvolvimento Sustentável (RDS) cuja subsistência baseia-se no extrativismo, na agricultura de subsistência e na criação de animais de pequeno porte.

Também o decreto nº 6.040/2007 refere-se ao termo populações tradicionais como: I – Povos e Comunidades Tradicionais: grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição (BRASIL, 2007).

Aqui enxergamos a possibilidade de qualificar a comunidade de Várzea Queima (PI) como tradicional por se tratar de um modelo de sociedade organizada em torno de um mesmo tronco familiar que tem no cerne de suas atividades produtivas o extrativismo da palha da carnaúba, priorizando a valorização e utilização de meios ancestrais de reconhecimento de sua própria identidade, onde manuseiam as matérias naturais em consonância com seus saberes pré-estabelecidos, assim como, também, adotam inovações em conveniência com suas práticas e fazeres.

Diegues (2000) reafirma a relevância de características sustentáveis e éticas de organização social que propicia o desenvolvimento de forma que não aniquile os recursos naturais provenientes de seu sustento. Para assim, haver a continuidade de suas práticas em equilíbrio com a natureza, semeando a ancestralidade, podendo cultivar e valorizar a história cultural por traz de seus costumes. Diante dessa caracterização, fica perceptivo a terminologia usada pelo autor para dar noção de sociedades tradicionais em referência a grupos humanos culturalmente diferenciados que ao longo da história simbolizam suas vivências isoladamente,

todavia em cooperação social se relacionando com a natureza, ponderando seu saber-fazer histórico-cultural em consonância com o meio ambiente. Basta observarmos que a sabedoria de tecer a palha da carnaúba na comunidade de Várzea Queima (PI), transcende os haveres metodológicos e científicos, sendo comumente incorporados de geração em geração, com suas permanências e especificidades.

Diante do acima exposto, não podemos deixar de relacionar os termos práticas e saberes tradicionais com o conceito de prática cultural delineado pelo historiador francês Chartier (1990, p.16), para que quem “A história cultural, tal como a entendemos, tem por principal objeto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler”. Com base nesse autor, relacionamos a ancestralidade e a história cultural dos conhecimentos tradicionais com o estilo de organização social de determinadas comunidades seculares que tem a intenção de trazerem à público seu modo de vida, compartilhando suas práticas ancestrais.

Ainda com base em Chartier (1990), buscamos compreender a importância da apropriação cultural por parte de um grupo socialmente organizado em torno da tessitura da palha da carnaúba. Com o autor, pudemos compreender que:

Do mesmo modo que as modalidades das práticas, dos gostos e das opiniões são mais distintivas do que essas obras, as maneiras como um indivíduo ou um grupo se apropria de um motivo intelectual ou de uma forma cultural são mais importantes do que a distribuição estatística desse motivo ou dessa forma. (CHARTIER, 1990, p. 51).

Transitando nessas expressões – saberes tradicionais e práticas culturais - vemos nessa comunidade do semiárido piauiense a persistência em cultivar sua ancestralidade. Fica evidente o quanto possuem de conhecimento das matérias primas, do saber-fazer ancestral, das conexões com o passado, que transcende essa sabedoria com o presente, onde as atividades de ensino e aprendizagem que se realizam nas cooperativas de trabalhadores, nas fábricas e indústrias, nos sindicatos e nas oficinas de artesanatos dando origem a produção de produtos utilitários e artísticos, se concretizando em uma modalidade de educação.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O Centro Comunitário das Artesãs de Várzea Queimada (PI).

No ano de 2009, Rosa de Viterbo Cunha, consultora do SEBRAE (PI), responsável por mapear os talentos artesanais do estado do Piauí, realizou uma visita à comunidade Várzea Queimada com o propósito de conhecer os trabalhos artesanais ali desenvolvidos com o manuseamento da palha de carnaúba. Posteriormente, em 2012, Marcelo Rosenbaum, designer brasileiro, desenvolve junto à comunidade o projeto “A Gente Transforma - Espírito, Matéria e Inspiração (AGT)”, objetivando conhecer o povoado através do artesanato, os valores essenciais daquela comunidade para que ela se apropriasse da sua memória cultural, adquirindo instrumentos para mudar a sua própria realidade.

O projeto tinha o apoio financeiro do Ministério da Cultura por meio da Lei Federal de Incentivo à Cultura (Lei nº 8.313/91), a Lei Rouanet o que possibilitou a construção em mutirão de um centro comunitário para artesãs locais. Assim, no mesmo ano de 2012, um grupo de mulheres criaram o Centro Comunitário das artesãs de Várzea Queimada: uma associação composta por 30 (trinta) mulheres e 05 (cinco) homens. Essas mulheres e homens constituem atores que, ao resgatar a natureza e a tradição em seus projetos artesanais, recriam um ambiente de vida no qual as relações com a natureza estão associadas às relações sociais. Há, também, a participação de jovens e crianças nas incumbências culturais, tradicionais e artísticas da comunidade, revelando que subsiste a consciência em cultuar e preservar a identidade tradicional herdada de seus ancestrais.

Em entrevista realizada com Barbosa 2 (2018), podemos compreender como como é organizado o trabalho do grupo de artesãs que desenvolvem suas atividades no Centro Comunitário de Várzea Queimada.

[...] nós mulheres trabalhamos com a palha e os homens trabalham na produção com a borracha, a matéria prima que é a palha a gente consegue aqui mesmo, no local, na Várzea Queimada, mas não é suficiente para a produção, então agente pega na microrregião. Onde tem agente coleta. Já a borracha é de pneu reciclado. Estamos dentro da sustentabilidade, no caso da palha o que sobra agente utiliza como adubo. (BARBOSA 2, 2018, p.03).

No parecer de pessoas da comunidade envolvidas no projeto do designer Marcelo Rosembaum o incentivo dado por parte desse projeto, viabilizou o resgate dessa prática ancestral, e principalmente realçou a identidade cultural dessas pessoas, que antes fabricavam esse artefato com o propósito utilitário, e agora, aberta novas possibilidades de mercado através do design como ferramenta estética para geração de valor. Assim se expressa a artesã Barbosa 2 (2018):

Então, eu sempre realço isso, nós éramos artesãs, só que agente desconhecia até a própria palavra, devido à desvalorização. Por mais que você criasse alguma peça, você ficava para você por que não tinha saída. Com a vinda do AGT para cá, isso só fez com que a gente nos reconhecesse como artesãs e tivesse mais criatividade e nos valorizasse mais, que tem esse mercado. (BARBOSA 2, 2018, p.02).

Ao que parece, em Várzea Queimada, foi necessária a intervenção externa para que as pessoas estabelecessem uma conexão consciente com a sabedoria dessa ancestralidade tão presente na comunidade mas que não se nota mais, que não se percebe valor. Conhecer para significar e ressignificar um processo de reconquista dessa arte de construir objetos imbuídos de sentidos e sentimentos tradicionais que consideramos necessários serem transmitidos pelas Mestras às novas gerações no processo de suas identidades socioculturais.

Perfil sociodemográfico das entrevistadas.

As duas artesãs entrevistadas são naturais do município de Jaicós (PI), sendo uma solteira com uma filha e a outra casada, mãe de seis filhos. Ambas afirmam ter concluído o ensino superior, uma delas trabalha como professora, enquanto a outra é dona de casa. As duas partícipes definem sua identidade profissional com artesãs.

No que tange ao período da infância, as duas entrevistadas afirmaram terem passado em Várzea Queimada (PI). O fato de relatarem que são membros de uma família de pais agricultores e artesão, composta por 10 (dez) irmãos, além dos mesmos sobrenomes, nos levam a supor que as entrevistadas são irmãs. Todavia, devemos considerar que na comunidade há um forte entrelaçamento matrimonial entre os membros do mesmo núcleo familiar.

Embora só tenham ingressado na escola por volta dos 7 (sete) anos de idade, as entrevistadas relatam que praticamente não tiveram infância, mas sempre que podiam brincavam de roda, de casinha, como assevera a entrevistada Barbosa 1 (2018, p.01): “Nós brincava pouco, só quando sobrava tempo, nós ajudava os pais de nós na roça, em casa. Nós brincava de roda de ser dona de casa, essas coisas”.

Podemos inferir que o período da infância como expresso pelas entrevistadas não se diferencia daqueles vivenciados por inúmeras crianças que habitam a zona rural do território brasileiro. Como observa Friedmann (2012), um período em que as crianças que vivem em zonas rurais são socializadas a partir de trabalhos rotineiros, de caráter doméstico ou no trabalho na terra, no cuidado com os animais, revezando com os irmãos as tarefas atribuídas pelos pais, e brincam no tempo livre. Foi justamente nesses momentos da infância, em que se misturam trabalho e brincadeiras, que as partícipes apreenderam a prática de tecer a palha da carnaúba com suas mães.

Aprendendo a fazer o trançado

Na terceira etapa das entrevistas, foi questionado às partícipes o período e as circunstâncias que favoreceram ao aprendizado da tessitura da palha da carnaúba. Ambas responderam que por volta dos 10 (dez) anos de idade observando a mãe fazer chapéus e esteiras. Em resposta ao questionamento sobre o que aprendeu primeiro, a entrevistada Barbosa 1 (2018, p. 02) esclarece que “[...] a fazer as tranças primeiro, das tranças é que você monta as peças, faz o chapéu, a esteira, e outras coisas”. A partícipe Barbosa 2 (2018, p.02) confirma o mesmo ritual de aprendizagem ao afirmar que “A minha mãe que me ensinou a fazer as tranças, o trançado né (...) das tranças faz o chapéu, a esteira, e outras peças”.

Segundo declaração de Barbosa 1 (2018), as formas de aprendizagem da tessitura com a palha de carnaúba em Várzea Queimada é secular e “[...] vem passando de geração em geração, como antigamente, minha bisavó passou pra minha vó, que passou pra minha mãe, que passou pra mim, e eu já estou passando pra minhas filhas”. (BARBOSA, 2018, p. 01).

Barbosa 1 (2018) ressalva, ainda, as formas como as mulheres resgataram a aprendizagem desse saber tradicionalmente desenvolvido na comunidade, assim como em várias partes do Nordeste brasileiro:

Antigamente, as primeiras mulheres que moravam aqui encontraram os cestos velhos dos índios, desmanchava e fazia de novo o trançado para aprender, depois que aprenderam foram fazendo do jeito novo delas, em cada trança tem a marca de quem fez, a técnica é mesma, mas a trança nunca é igual, cada uma deixa sua marca nela. [...] nós já estávamos esquecendo a tradição, ia na feira e comprava baldes de plástico pra guardar as coisas. (BARBOSA 1, 2018, p.02).

Através dos relatos de Barbosa (2018), podemos compreender que cada artefato reinventado ou produzido pelas artesãs carregam em si uma fração da essência de quem o fabricou, sendo um trançado de vida que se assimila a gerações e interliga o cotidiano e as crenças seculares. Assim, entender e discernir a prática artesanal como independente e possuínte de sua própria história educacional e identidade cultural é imprescindível para atividades compartilhadas entre a comunidade externa e os próprios artesãos.

As transmissões dos saberes e fazeres.

Como já foi exposto anteriormente, o saber-fazer artesanal na comunidade Várzea Queimada (PI), foi aprendido através das gerações. Tradicionalmente era uma prática realizada para suprir as necessidades na colheita, os cestos produzidos a partir da tessitura da palha de

carnaúba eram utilizados na coleta e no transporte dos alimentos produzidos na roça, algumas peças, a exemplo das esteiras, chapéus, cestos e chinelos de dedo, eram vendidas por preços muito baixos para complemento da renda familiar.

Assim como nos tempos indígenas, as mulheres da comunidade de Várzea Queimada (PI) são reconhecidas como as mestras detentoras desse saber, principalmente as anciãs do povoado, que aprenderam a tessitura com suas mães, que por sua vez aprenderam com suas antepassadas, ocasionando essa sucessão de conhecimentos e técnicas, embora com pequenas alterações no fabrico das peças, como afirma Barbosa 2 (2018, p.01):” [...] eu acho que a prática é a mesma, mas com certeza já mudou algumas coisas, em cada traçado desses tem, como se fosse a marca de quem fez, cada um é diferente do outro.

É fácil observar nas falas das entrevistadas a preocupação com o ensino da prática de tessitura da palha da carnaúba às novas gerações como estratégia de valorização da existência do saber-fazer cultural. Assim se expressa Barbosa 2 (2018), ao ser questionada sobre o que tem sido feito para preservar essa tradição:

Então, nós somos uma comunidade tradicional, acontece como antigamente, a gente sabe que tudo que existe aqui hoje, é tudo em cima do que já existia, que minhas avós faziam, entendeu? Ela vai resistindo com o tempo, passando de geração em geração. (BARBOSA 2, 2018, p.03).

Barbosa 1 (2018, p.03), por sua vez, ressalta a importância do desenvolvimento do projeto “A Gente Transforma - Espírito, Matéria e Inspiração (AGT)”, que “[...] fez com que nós se valorizássemos mais, depois disso aqui vem gente de todo lugar do mundo pra conhecer”. De fato, as 35 (trinta e cinco) artesãs, organizadas na associação, são reconhecidas como as principais mestras detentoras do saber-fazer artesanal com a palha da carnaúba na comunidade, são elas que cultuam a responsabilidade de manter vivo esse saber, fazendo como antigamente, passando de geração em geração essa prática adiante.

Questionada sobre os procedimentos adotados para a escolha das novas mestres do saber-fazer artesanal com a palha na comunidade, a presidente da associação de artesãs Barbosa 2 (2018), ressalta que a seleção ocorre de forma natural entre aquelas com melhor desempenho na tessitura da palha:

Isso é uma habilidade que cada um vai conseguindo e se destacando, tomando posição, então daqui a 15, 20 anos vai ter outra pessoa, isso é uma coisa que surge espontaneamente, igual eu estou aqui, não foi uma coisa que me apontaram, simplesmente fui ganhando espaço. Existe isso, porque muitas vezes você indica uma determinada pessoa, só que tem outra que tem mais habilidade. Eu estou aqui, não é porque me escolheram pra ser líder, na

verdade eu fui tomando espaço, mesmo sem perceber. (BARBOSA 2,2018, p. 02).

As duas artesãs por nós entrevistadas, afirmam não fazer segredo das técnicas de tessitura da palha da carnaúba. Ao contrário, costumam adotar como aprendizes qualquer pessoa da comunidade e mesmo de outras comunidades que queiram aprender, mas, por questão de sobrevivência da comunidade, cuidam em ensinar a arte de tecer às suas filhas além de outros parentes. Por essa razão, “[...] tem sempre criança aqui na *toca*, é a gente trabalhando, fazendo as tranças, os cestos e elas olhando para aprender, eu comecei a fazer trança com 10 anos de idade”. (BARBOSA 1,2018, p 02).

Em relação aos espaços onde ocorre a transmissão desses saberes, ambas as entrevistadas esclarecem que pode acontecer no âmbito domiciliar, mas costumeiramente elas desenvolvem suas atividades no Centro Comunitário das Artesãs onde juntam-se as mestres e as pessoas que gostariam de aprender a arte. Ao que parece, a escola da comunidade ainda não configurou como um espaço de divulgação e prática desse saber tradicional e embora Barbosa 2 (2018) seja professora da instituição essa afirma ter trabalhado outras tradições como roda de landê, peças teatrais e danças.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisando os relatos das artesãs, pudemos associar a prática tradicional desenvolvida em Várzea Queimada (PI) em duas dimensões: a dimensão sociocultural e a dimensão pedagógica. A primeira dimensão pode ser referenciada através do pensamento de Brandão (1981), sobre o processo de aprendizagem de forma contínua de caráter cultural,

As meninas aprendem com as companheiras de idade, com as mães, as avós, as irmãs mais velhas, as velhas sábias da tribo, com esta ou aquela especialista em algum tipo de magia ou artesanato. [...] Todos os agentes desta educação de aldeia criam de parte a parte as situações que, direta ou indiretamente, forcem iniciativas de aprendizagem e treinamento. Elas existem misturadas com a vida em momentos de trabalho, de lazer, de camaradagem ou de mor. Quase sempre não são impostas e não é raro que sejam os aprendizes os que tomam a seu cargo procurar pessoas e situações de troca que lhes possam trazer algum aprendizado (BRANDÃO, 1981, p. 8).

Com base no depoimento das partícipes, percebe-se que a tessitura da palha da carnaúba não é algo imposto as gerações futuras, mas sim uma prática cultural incentivada e encorajada por toda a comunidade e até mesmo por toda essa motivação de órgãos e entidades advindas de fora do povoado que findam por expor o trabalho de ressignificação dos saberes

ancestrais do semiárido piauiense ao mundo contemporâneo. Como enfatiza, Rosembaum (2016),

O artesanato é muito mais do que uma peça de decoração ou utensílio doméstico ou de trabalho. O artesanato é o amálgama que fez o povo sertanejo o que ele é, um sobrevivente. Um sobrevivente muito bem adaptado às agruras do semiárido, adaptado para sobreviver à violência, à opressão, à tentativa de ter sua cultura dizimada pelo colonizador. (ROSEMBAUM, 2016, p. 93).

Partindo desse pressuposto, seria possível afirmar que a resistência está na alma dessas pessoas, o vigor em cultivar a ancestralidade, onde os mais jovens não veem como uma obrigação a ser cumprida, no entanto, reconhecem que a sucessão do saber-fazer artesanal já está enraizada nas suas práticas cotidianas na forma específica da educação não escolar. Nas palavras de Barbosa 2 (2018, p. 05), “[...] a esperança para o futuro é aquela permanência, né! Vai sobrevivendo ao tempo e ao espaço, vai indo”.

Na verdade, a todo instante estamos realizando atos de ensino e aprendizagem, por meio da prática educativa amplifcamos nossas capacidades e potencialidades para o “saber” e para o “fazer”. Em tudo isso se expressa uma de suas propriedades que é o processo presente nas correlações entre as pessoas e os grupos, o que faz desse regime um instrumento que possibilita transformações sociais. No que tange a tessitura com a palha de carnaúba, as transformações sociais são promovidas especialmente na existência feminina, uma vez que essa é praticada majoritariamente pelas mulheres da comunidade, cuja esperança é que essa prática cultural, que também é uma prática educativa, se perpetue na comunidade.

Mas, qual seria a dimensão pedagógica dos processos educativos que se realizam em espaços não-escolares, a exemplo da tessitura da palha da carnaúba? Concordamos com Gonh (2013) quando define a educação não formal como aquela que se aprende no mundo da vida através do compartilhamento de experiências ocorridas em espaços coletivos e nas ações rotineiras. A autora destaca, sobremaneira, a possibilidade da educação não-formal volta-se para a formação de cidadãos (as) livres, emancipados, portadores de um leque diversificado de direitos, assim como de deveres para com o(s) outro(s), como pretendem as mestres artesãs de Várzea Queimada (PI).

Nesse mesmo sentido, Brandão (1981) descreve a dimensão pedagógica dessa modalidade de educação ao apresenta-la como uma fração importante da experiência endoculturativa.

Ela aparece sempre que há relações entre pessoas e intenções de ensinar-e-aprender. Intenções, por exemplo, de aos poucos "modelar" a criança, para conduzi-la a ser o "modelo" social de adolescente e, ao adolescente, para torná-lo mais adiante um jovem e, depois, um adulto. Todos os povos sempre traduzem de alguma maneira esta lenta transformação que a aquisição do saber deve operar. Ajudar a crescer, orientar a maturação, transformar em, tornar capaz, trabalhar sobre, domar, polir, criar, como um sujeito social, a obra, de que o homem natural é a matéria-prima. (BRANDÃO, 1981, p. 10).

Para nós, fica evidente que refletir sobre a dimensão pedagógica dos processos não escolares de aquisição e transmissão de saberes tradicionais na comunidade Várzea Queimada (PI), significa compreender as relações sócioeducativas construídas no entorno das práticas culturais desenvolvidas na comunidade. Significa, também, refletir acerca das possibilidades históricas de preservação dos saberes tradicionais em suas relações com a transformação social da comunidade no contexto de uma sociedade complexa e globalizada.

Podemos, por fim, afirmar, que a investigação deu visibilidade a outro aspecto importante do estudo que mereceria uma análise mais aprofundada e que não foi possível realizar nesta pesquisa. Todavia, deixamos aqui registrada uma problemática de investigação que consideramos importante para estudos futuros: qual a dimensão pedagógica implícita no processo de aquisição e transmissão da arte de tecer a palha da carnaúba na comunidade de Várzea Queimada (PI) e quais as possibilidades de atuação do Pedagogo?

REFERÊNCIAS

BARBOSA, R.; COSTA, A. M. B.; SILVA, F. M. **Cooperativa Carnaúba Viva: preservação e valorização da caatinga para o desenvolvimento sustentável do semiárido brasileiro.** Sociedade e Território. Natal, v. 21, n. 1-2 (Edição especial), p. 68-80, 2009.

BEZERRA, Nilton Xavier. **Artesanato sagrado: a tradição dos trançados de “palhas ou ramos bentos” em Apodi (RN).** *Textos escolhidos de cultura e arte populares*, Rio de Janeiro, v.9, n.2, p. 123-136, nov. 2012.

BRANDÃO, C. R. **O que é educação.** São Paulo: Brasiliense, 1981.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Parecer CNE/CP 5, 13.12.2005. Brasília, 2005. .

Resolução n.1, 15.5.2006. Diário Oficial da União, n.92, seção 1, p.11- 12, 16 maio 2006. .

Minuta de resolução de diretrizes curriculares da pedagogia divulgada pelo Conselho Nacional de Educação. Brasília, 17 mar. 2005.

BRASIL. *Decreto N. 6.040, de 7 de Fevereiro de 2007. Instituí Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais.* Brasília, 7 de fevereiro de 2007.

_____. Coleção das Leis da República (1889-2000). Disponível em: <http://www2.camara.legbr/atividade-legislativa/legislação>. Acesso em: 18 nov. 2018.

_____. Lei nº 8.742, de 7 de dezembro de 1993 que dispõe sobre a organização da Assistência Social e dá outras providências. Disponível em: www2.mppa.mp.br. Acesso em 17 nov. 2018.

_____. Lei nº 9.732, de 11 de dezembro de 1998 que altera dispositivos das Leis nº 8.212 e 8.213, ambas de 24 de julho de 1991, da Lei nº 9.317, de 5 de dezembro de 1996, e dá outras providências. Disponível em: www.camara.gov.br. Acesso em 21 nov.2018.

CHARTIER, Roger. Introdução. Por uma sociologia histórica das práticas culturais. In: _____. **A História Cultural entre práticas e representações.** Col. Memória e sociedade. Trad. Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

CÓRDULA, Raul. Segunda Pessoa: Revista de Artes Visuais, 2ou4 Editora. **Afinal, que é artesanato?**. Páginas 9-13, ano 3, Número 1 – Jun-Jul-Ago de 2013.

CUNHA, Luiz Antônio. **O ensino de ofícios artesanais e manufatureiros no Brasil escravocrata.** 1ª ed. São Paulo: Unesp Ed. 2005.

DIAS, Claudete Miranda. **O Piauí que o Brasil quer ver**. Teresina: Universidade Federal do Piauí, 2015.

DIAZ, Andres Soriano. **Uma aproximação a Pedagogia – Educação Social**. Revista Lusofona de Educação. 2006, 7, 91-104

DIEGUES, Antônio Carlos (Org.). **Os saberes tradicionais e a biodiversidade no Brasil**. São Paulo: MMA/COBIO/NUPAUB/USP, 2000.

FRIEDMANN, Adriana. **O brincar na educação infantil: observação, adequação e inclusão**. São Paulo: Moderna, 2012.

GERMANO, Beta. **A incrível história das artesãs de Várzea Queimada que reinventam a palha**. Design/Objetos/noticia/2018/08. Disponível em: <https://casavogue.globo.com/Design/Objetos/noticia/2018/08/incrivel-historia-das-artesas-de-varzea-queimada-que-reinventam-palha.html>. Acesso em 27 nov. 2018.

GOHN, Maria da Glória. **Educação Não Formal e o Educador Social**. 2ª ed. São Paulo: Cortez Ed. 2013.

HOBSBAWM, E. RANGER, T. **A invenção das tradições**. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Censo demográfico, 2010. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pi/jaicos/panorama>. Acesso em 20 nov. 2018.

III Congresso Ibero-Americano de Humanidades, Ciências e Educação *Produção e democratização do conhecimento na Ibero-América*. **A comunidade surda de várzea queimada em Jaicós-PI: os desafios e avanços educacionais e sociais no uso da libras**. Criciúma, 2018.

SEBRAE, M395 Mascêne, Durcelice Cândida. Termo de referência : **atuação do Sistema SEBRAE no artesanato** / Durcelice Cândida Mascêne, Mauricio Tedeschi. -- Brasília : SEBRAE, 2010. 64 p. : il.

MARTINS, Saul. **Contribuição ao estudo científico do artesanato**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais, 1973.

NORDESTE. Banco do. B213 **Ações para o desenvolvimento do artesanato do Nordeste**/ Banco do Nordeste. 2ª Edição - Fortaleza: Banco do Nordeste, 2002. 210 p.

ROSEMBAUM, Marcelo. **Várzea Queimada: Espírito, Matéria e Inspiração/ A Gente Transforma**. 1ª Edição - Gráfica Ipsis, 2016.

SEVERINO, Antônio Joaquim, 1941 – **Metodologia do trabalho científico** / Antônio Joaquim Severino – 23. ed. rev. e atual. – São Paulo: Cortez, 2007.

VAINSENER, Semira Adler. *Artesanato do Nordeste do Brasil*. Pesquisa Escolar Online, Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: <http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar>>. Acesso em 24 nov. 2018.